

Ensaio fenomenológico

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.”

Estrofes do poema de Gonçalves Dias, em Coimbra, 1846, com saudades do Brasil. Vejamos o que albergam. Começamos pelo Sabiá. Maiúsculo, talvez por respeito ao seu canto. Que varia de acordo com as várias espécies. Lembrando que elas somente cantam no começo da primavera, em agosto, mês do acasalamento e feitura dos ninhos, se aquietando no verão, na labuta dos pais em alimentar gulosos filhotes prestes a se tornarem independentes. Não sei se nosso bacharel-indianista sabia destes detalhes, pois desnecessários nos traços de sua inspiração. Como também o não saber do canto dos machos como comunicação inicialmente amorosa (com as fêmeas, naturalmente) e depois assegurando seu território da concorrência de terceiros de sua espécie.

Mas foquemos mais atentamente nossa atenção no Sabiá. O poeta desenha suas letras manuscritas com pena de ganso como meio de comunicar suas ideias e sentimentos, talvez à sua mãe no Brasil. Sentado à escrivaninha no seu alojamento de estudante na encosta do morro encimado pela Universidade, não percebe através da janela nenhum Sabiá, muito menos o seu canto. Não dispõe ainda de um satélite espião de Superior Potência a visualizar detalhadamente um pássaro pousado em certo lugar de sua longínqua terra. Nem de gravação do seu canto naqueles meados do Século XIX. Antes de transformar o Sabiá em letras, onde estava o Sabiá naquele momento? Se não era percebido nem pelo ver, tampouco pelo ouvir? E mesmo que lá estivesse, como iria transformar o Sabiá em um poema? Eis a questão. Alguém na

velha e sábia Grécia diria que se trata de uma ideia inata. Para alguém em quase dois mil anos mais tarde, de uma *idea clara et distincta*. Do Sabiá, a ideia. O problema parece estar centrado na ideia. Posso escrever um poema sobre, mas sem estar vendo e ouvindo o Sabiá, mas a partir de sua ideia. Vejamos o que poderia estar passando na cabeça de nosso poeta. Algo bem mais vago que um Sabiá pousado à sua frente em cima de uma palmeira. Observando o pássaro e seu cantar diretamente através de seus sentidos, sua ideia do Sabiá iria se enriquecendo no continuar das sempre mais acuradas percepções deste objeto específico. A assim chamada ideia estaria se modificando gradualmente. Não mais em sua rigidez platônica, mas certamente mais clara. E a ideia não mais estará acontecendo em um ponto na linha do tempo cronológico, mas em temporalidade sob forma de duração. O poeta se situa em seu Agora, ao observar o seu percebido. Mas agora estando apartado de sua realidade em Coimbra, só lhe resta a sua ideia do Sabiá. Será que ela também será dinâmica? Talvez não em somente sendo poeta mas também com inclinações filosóficas, comece a pensar sobre, consigo mesmo. Pode recolher nesse seu Agora recordações de sua infância e informações recebidas de outrem sobre o assunto e assim deixar mais precisa e ampliada sua ideia. O Sabiá imaginado começará a lhe fazer mais sentido e a encantar mais o poema.

Mas afinal o que vem a ser esta ou uma ideia? A ideia do poeta em si e a ideia que faço da ideia do poeta? É algo vago como resíduo de percepção sensorial ou é da mesma substância que desta? Olho para o pássaro e, ao fechar os olhos, o continuo vislumbrando. Reabrindo os olhos, não me é estranho: continua sendo o mesmo pássaro, talvez um pouco mais bem conhecido. Mas se eu morrer neste entretempo, tanto o pássaro quanto a sua ideia deixarão de existir para sempre e para mim. Como aconteceu com Gonçalves Dias.

Mas vejamos o que não é um 'Sabiá' ou um 'canta', esse conjunto de letras que vejo aqui na tela do computador, ou mesmo, as complexas estrofes do poema. Sinalizam algo. Como morador solitário de ilha paradisíaca, colhendo frutos silvestres e nutritivas ostras, não há necessidade de signos para sinalizar as

coisas ao meu redor. Eu as vejo e colho na minha feliz solidão, em meio a encantadores trilados primaveris, como Adão antes de aparecer a sua Eva. Não preciso falar nem gesticular. A mente de nosso solitário funciona perfeitamente: sabe das frutas mais deliciosas, avalia seu valor nutritivo, consegue localizá-las, se lembra da época do ano em que amadurecem. Basta-lhe sua mente que grava, organiza e relembra os percebidos. Sente felicidade, dores, tem desejos, esperanças, curte o sol da manhã e todo o mais que lhe vem à mente. Igual à mente de um Hegel¹, ao abstrair dos signos, da linguagem. Igual a sabiá isolado em distante oceânica ilha tropical. Para aquém dos signos – estão as ideias, primeiras instâncias de nossos solitários pássaro e humano. Afinal, o que que elas vêm a ser? O que vem a ser a ideia que o poeta tem do sabiá?

Olho o sabiá e fecho os olhos. O que resta, é a ideia do sabiá nesse meu Agora. Mas antes de procurar (por meio de signos) pela Essência ou pelo Ser da ideia, sonho de filósofos e metafísicos, cabe focar num aspecto não considerado pela tradição platônica. Ao reabrir os olhos e fechá-los a seguir, minha ideia da ave se alterou, mesmo que só ligeiramente: foi assim que aprendi a distinguir macho de fêmea, as várias espécies e em boa parte sobre todo o mais como analfabeto, sobre o mundo, os outros e o universo. Isto, no meu Agora. A mente, assim como o *Geist* hegeliano em seu movimento dialético, precisa ser encarada em sua dinâmica, no seu agir. Ou seja, como ato mental e não formada por conjunto de ideias platônicas em seu inato absoluto. O ato se dá na temporalidade do Agora. Como estou sempre no Agora, estou sempre em evolução. Evolução do conhecer, a partir dos sinais do meio ambiente, constantemente reorganizando ideias.

Mas os seres vivos, como insetos, animais e nossos antepassados há milhões de anos, desenvolveram um modo de ampliar essa dinâmica originalmente solipsista. Atendendo a um impulso de adaptação darwiniana, descobriram que emitindo

¹ No Século XIX o seu mais portentoso pensador designou o ente no qual se localizaria a ideia como a mente (*mentis* em latim, *Geist* em alemão).

feromônios, sons, fazendo gestos, se comunicando, conseguiram evoluir melhor e mais rapidamente como indivíduos aproveitando as ideias obtidas de experiências sensoriais de outros da mesma espécie. São sinais captados pelos mesmos órgãos sensoriais que percebem originalmente o mundo físico e, principalmente agora, também, atentam para os sinais emitidos por membros de assim constituída comunidade. O aprimoramento da comunidade humana trouxe consigo o desenvolvimento das linguagens, a sistematização dos signos, paralelamente ao crescer do número de neurônios e suas sinapses (um crescer eventualmente até estimulado pelo próprio exercitar linguístico).

O aperfeiçoamento da comunicação oral e escrita foi o passo de diferenciação dos humanos em relação aos demais seres vivos. Adicionou-se ao mundo das ideias, o simbólico. Às vivências *tout court*, o analítico. Mas não em dualística oposição. Pois o signo é um sucedâneo de um diretamente percebido: ele se refere à mesma ideia originalmente evocada por uma percepção. Sua função consiste em justamente evocar a ideia no ato mental, integrando-a em sua dinâmica de aprimoramento. Nisso, ideia advinda de percepção e advinda da percepção do respectivo signo se equiparam. Mas essa capacidade de o ato mental humano utilizar-se desse artifício, possibilitou o enriquecimento excepcional de nosso conhecer (filosofia em seu original grego), adaptar-se pragmaticamente às contingências físicas do universo e a aperfeiçoar nossas instituições (sociais).

Além do aspecto comunicativo, interpessoal, a linguagem significativa fortaleceu o pensar sobre, independente do imediato propósito de comunicação com terceiros. O poeta em sua solidão consegue escrever e levar à perfeição o seu texto, o físico elaborar as equações sobre a evolução do universo em seu escritório, o empresário desenvolver sua estratégia em pleno voo de seu jatinho. Somente pensando.

Por sua vez, o pensador propriamente dito, precisa pensar sobre o que vem a ser esse pensar. Ou, sobre a estrutura do ato mental e seu funcionamento. Talvez, como Brentano, assumindo que um ato mental pode ser definido como sendo uma relação intencional entre um sujeito e um objeto. Por exemplo: ‘escreveu

Gonçalves Dias, em 1849, que em sua terra canta o Sabiá'. Ou então que:

“Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; ...”

Sem mais delongas, aqui, pode-se entrever nesse poema a **estrutura** parcial de um ato mental. São duas as relações intencionais que podem ser evidenciadas. Uma, sob a forma de

Afirma Gonçalves Dias: em sua terra canta o Sabiá,

onde o ‘:’ significa a conjunção subordinativa ‘que’, ou seja, Gonçalves Dias, em seu Agora, de 1849, é o sujeito da relação intencional, e a afirmação ‘em sua terra canta o Sabiá’, é o objeto; a outra,

Deseja Gonçalves Dias: Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá; ...,

na qual ‘não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá; ...’ representa o objeto da relação desejante. O desejar (o *Eros* grego, a pulsão [*Trieb*] freudiana) significa a componente dinâmica da estrutura analítica do ato mental.

A afirmante compõe os conhecimentos do sujeito a partir das percepções do Agora e das lembranças disponíveis. Resulta do que o pragmatismo denomina de abdução, um processo de contínua reorganização dos conhecimentos, motivado pelo conjunto das relações desejantes. Inconsciente nas mais das vezes a nível das ideias, ou construído analiticamente, como uma teoria científica.

A partir de um conjunto de relações intencionais afirmativas e desejantes, são inferidas as regras de como o sujeito deve agir e estas, levar à ação efetiva. A estrutura mental poderia, assim, ser descrita por um conjunto de relações intencionais do tipo

Deseja (Sujeito, Agora) ...

Afirma (Sujeito, Agora) ...

Deve (Sujeito, Agora): agir de acordo com as normas ... ,

as quais ensejarão as ações do sujeito. O dever é inferência do que se deseja, do que se quer, e do que se sabe das coisas e das pessoas. A inferência lógica, é necessária. O saber, é contingencial. Um sistema rigorosamente estruturado em seus três níveis, poderia ser denominado de uma práxis. Como o ato mental acontece no Agora do sujeito, a inter-relação dos três momentos estruturais é um movimento dialético. E a dialética da práxis constitui a analítica do ato mental.

Klaus G. Hering

Possui doutorado em ENGENHARIA DE PRODUÇÃO pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003). Tem experiência na área de Bioética.

E-mail: Klausgh123@gmail.com